



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OLHARES SOBRE A RAINHA NZINGA MBANDI: A “DESCRIÇÃO HISTÓRICA” DO CAPUCHINHO CAVAZZI

Autora: Mariana Bracks Fonseca

Mestranda em História pela USP

maribracks@hotmail.com

Introdução:

O presente texto se insere no Projeto de Mestrado “Entre a cruz e a machadinha-Nzinga Mbandi e a resistência em Angola.”¹, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, em que a principal personagem foi Nzinga Mbandi, soberana do Ndongo e da Matamba no século XVII. Nzinga é entendida como o ícone da resistência frente à presença portuguesa em Angola e nossa análise foca-se na sua atuação política e militar.

A obra de Cavazzi, “*Descrição histórica dos três reinos do Congo, Angola e Matamba*” é uma das mais importantes fontes que utilizamos para compor esta história. Para tal, faz-se importante analisarmos com mais profundidade o que significa a obra deste missionário.

Analisamos a obra de Cavazzi a partir das reflexões da “nova história cultura”, propondo uma “análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço.” (Chartier, 1990. p.27) Assim, as fontes são entendidas como representações dotadas de historicidade e intencionalidade, e se busca compreender as suas condições de produção, circulação e apropriação.

Para tanto, buscamos aqui refletir quem foi Cavazzi e em que contexto viveu. Analisamos os objetivos da Ordem Capuchinha e da Sagrada Congregação da Propaganda da Fide no século XVII em enviar missionários para a África e em publicar esta espécie de livro. Examinamos a circulação e as edições de sua obra pela Europa tentando compreender porque este tipo de leitura interessava ao público intelectual europeu. As fontes utilizadas pelo missionário merecem atenção, pois Cavazzi utilizou

¹ Este projeto de mestrado conta com os incentivos da FAPESP.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

uma metologia (ainda que sem essa consciência) inovadora. Dissecamos o olhar eurocêntrico de Cavazzi, acompanhando o argumento central de sua narrativa: o catolicismo, sendo a verdadeira religião, deveria vencer as bárbaras religiões africanas. E o melhor exemplo disto foi a conversão (ou reconversão) de Nzinga Mbandi pelos capuchinhos em 1656. Cavazzi descreveu os hábitos e costumes, “os defeitos morais”, dos habitantes da África Central para mostrar o quanto eles viviam afastados da “verdadeira luz”. Mas em sua longa descrição, o povo que chamou mais atenção do missionário foi o povo chamado Jaga. Os Jagas representaram tudo aquilo que era contrário à fé e à razão cristã do século XVII e Nzinga Mbandi, no tempo que viveu como Jaga, foi representada como líder do mal. Assim, os capuchinhos libertaram-na da ideologia do demônio e a reconduziram à fé católica.

No presente artigo, pretendemos analisar a visão eurocêntrica e preconceituosa do missionário Cavazzi ao descrever Nzinga Mbandi, os Jagas e os demais habitantes da África Central.

1. Vida de Cavazzi.

Galeotto Cavazzi nasceu em Montecuccolo, ducado de Módena, Itália em 1621 e suas origens apontam para nobreza italiana. Tornou-se capuchinho em 1639, em Bolonha, quando mudou seu nome, como era de práxis, para Giovanni Antonio. Em 1643 ao proferir seus votos definitivos, a Ordem o ordenara para ser missionário sem direito a realizar pregações, enquanto um outro grupo (de padres mais aplicados intelectualmente) era designado para pregadores após estudos intensivos de filosofia e teologia.

As missões capuchinhas na África começaram a ganhar relevo no cenário europeu após a publicação da *Breve Relatione del successo della Missione de Frati Minori Capuccini al Regno del Congo* em Napoli, 1648, escrito pelo padre Romano. Leite de Faria, o biógrafo de Cavazzi que publicou sua história na edição de 1965, afirmou que o capuchinho fora influenciado a ir à África por este escrito, muito divulgado nos conventos italianos. (p.XII). Em 1649, Cavazzi pediu para ser enviado ao Congo. O procurador geral dos Capuchinhos, para quem a Sagrada Propaganda Fide pediu o parecer, respondeu, após consultar o provincial de Bolonha, que “o suplicante



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

era de boa vontade, mas de pouquíssima inteligência.” (Leite de Faria em Cavazzi.p XXIII) Cavazzi só foi aceito na missão de 1653.

Cavazzi desembarcou em Luanda em 1654 e foi encaminhado para Massangano. No mesmo ano uma missão a Matamba foi autorizada pela Propaganda da Fide, à qual Cavazzi foi incorporado posteriormente. O missionário passou por Muxima, Cambambe, Maupungo (onde esteve em 1655-1656), Ambaca, Hango, Libolo, até chegar em Matamba em 1658. A missão de Matamba foi sua atividade que ganhou mais destaque, sobretudo porque acompanhou a morte da Rainha Nzinga em 1663. Continuou rodando pela região por Ganguela, Luanda (onde esteve doente), no Sonho e no Congo. Em 1667, o prefeito das missões do Congo e Matamba faleceu e Cavazzi foi nomeado como vice-prefeito interino daquela missão. No mesmo ano Cavazzi conseguiu embarcar para a Europa passando por Pernambuco e desembarcando em Portugal, onde teve audiência com o príncipe regente, D. Pedro, a quem entregou uma carta de D.Álvaro III, rei do Congo.

Em fevereiro de 1669 chegou à Itália. Em Roma teve acesso ao arquivo da Propaganda da Fide e ao arquivo Geral dos Capuchinhos, onde consultou várias cartas e relações de missionários de Angola, dedicando-se a estas pesquisas nos três anos seguintes. Cavazzi foi nomeado prefeito da nova missão ao Congo e Angola organizada pela Propaganda da Fide em 1672 e quando passou por Lisboa, no ano seguinte, recebeu carta do papa Clemêncio X ao rei do Congo, em que era bem recomendado. Trabalhou como prefeito desta missão até 1676, quando adoeceu e embarcou para Europa, onde faleceu em 18 de Julho de 1678, aos 57 anos.

2. Os capuhinhos no contexto do fim da união ibérica

Ao ser dissolvida a União Ibérica, em 1640, alterou-se a situação das missões nas possessões portuguesas. Segundo o regime do padroado ultramarino português, vigente desde o século XV, o Vaticano concedia às igrejas os direitos sobre as descobertas e conquistas. Esta instituição permitiu a Portugal exercer poder em territórios que não tinha conquistado politicamente, uma vez que todos os membros do clero que fossem para a África ou Ásia estavam subordinados ao monarca de Portugal. Com o passar do tempo, foi se confirmando, através de bulas papais, o poder comercial e de conquista, além do da evangelização. Tanto poder concedido a Coroa Portuguesa, responsável por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

nomeação de postos e benefícios, levava, não raramente, a conflitos com Roma, pois muitas vezes a vontade do rei português era enviada diretamente as missões, sem consulta ou contrariando a vontade do papa.

Com a separação das duas coroas, Felipe IV da Espanha manteve domínio sobre regiões da Itália e impedia, junto ao papado, o reconhecimento da coroa portuguesa pela Santa Sé, assim D.João IV não teve sua aclamação reconhecida. A autoridade portuguesa foi reconhecida somente em 1669. (Tavares, 2004, p. 206)

O papa Gregório XV havia criado, em 1622, a Sagrada Congregação da Propaganda da Fide para ter maior controle das missões religiosas com objetivo de diminuir assim o poder que as coroas ibéricas obtiveram através da evangelização na América, na África e na Ásia.

As missões jesuítas gozavam de amplos poderes e riquezas em Angola, sobretudo devido à Instituição dos Amos, em que o primeiro conquistador Paulo Dias de Novais, doara terras aos inacianos. Os jesuítas receberam a tutela dos sobas, que deveriam dar, além de alimentos e hospedagem, tributos em escravos. O grande enriquecimento de missionários em Angola e da Companhia de Jesus, que comercializava escravos sem taxas alfandegárias entre seus colégios na África e na América, passou a chamar atenção da Santa Sé, que condenava a prática e divergia dos métodos evangelizadores jesuíticos. (Zeron, 1996, p.48)

Portugal alegava que nunca proibira missionários de outras nacionalidades, desde que se submetessem às leis e ao rei de Portugal. Neste turbulento contexto que a missão de Cavazzi desembarcou em Luanda em 1654. Como os capuchinhos haviam partido de Cádiz, na Espanha, sem passar por Lisboa, a quem deveriam ter pagado a licença para entrarem em território português, o desembarque foi impedido. O capitão do navio, o genovês João Baptista Pluma, alegou que haviam saído de Gênova e não pararam em Lisboa devido a presença de navios inimigos. Luiz Martins Chichorro, governador de Angola, instaurou um processo sobre essas afirmações e ouviu os capuchinhos, sob juramento.

Os capuchinhos iniciaram suas missões na África para moralizar a evangelização dos gentios, contrapondo-se aos jesuítas, tidos como desonestos e pouco preocupados com o verdadeiro trabalho missionários e mais dedicados ao enriquecimento ilícito que a pregação. No Congo, Angola e Matamba, os capuchinhos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

se dirigiam ao interior buscando evangelizar e batizar pessoas, queimando ídolos e prendendo os feiticeiros. O confronto dos capuchinhos com as religiões locais é bem mais visível do que nos relatos jesuítas, que se dedicavam mais às atividades no interior dos colégios e nas suas fazendas.

Contudo, a visão política exposta por Cavazzi pouco se difere da sustentada pelos portugueses. O capuchinho, apesar de italiano, defende em toda a obra as guerras de conquista portuguesa e as legítimas. Sua postura pró-lusitana deve ser entendida como um discurso em defesa da civilização europeia frente à barbárie africana.

3. *Istorica descrizione de'tre Regni Congo, Matamba et Angola*: edições e circulação no universo europeu.

A conhecida obra-prima de Cavazzi tem sido considerada como uma “fonte estandarte” para a história e sociedade de Angola no século XVII (Thorthon, 2008). Foi escrita provavelmente no intervalo das duas experiências na África, entre 1667-1673. Hoje sabemos que Cavazzi escreveu em Matamba, entre os anos de 1665 e 1668, um outro texto, intitulado “*Missione evangelica al regno del Congo*” e conhecido como Manuscrito Araldi, que é considerado o “ancestral” da “*Istorica descrizione*”, já que a versão publicada deste passou por diversas correções e lapidações no interior da Sagrada Congregação. Baseamos as seguintes informações sobre a vida de Cavazzi em Leite de Faria, em biografia publicada na edição de 1965.

Ao chegar a Roma, em fevereiro de 1669, Cavazzi teve acesso aos Arquivos da Propaganda da Fide e no Arquivo Geral dos Capuchinhos, onde consultou várias cartas e relações de missionários de Angola. Em meados de 1669, o secretário da Propaganda da Fide transmitiu-lhe a ordem de escrever a história da Missão dos Capuchinhos em Angola e no Congo, de 1645 até então, com todas as particularidades referentes ao clima, aos costumes dos habitantes, às crenças religiosas e ao governo político daquelas regiões. Cavazzi foi para Módena, onde trabalhou com afinco para produzir sua obra.

Cavazzi, em 1671, pediu para imprimir sua obra na tipografia da Propaganda da Fide, a que recebera resposta negativa visto o grande custo da impressão, já que a volumosa obra se dividia em nove livros, com 212 capítulos e mais de 635 páginas. O Padre Boaventura de Montecuccolo ficou responsável por garantir a impressão junto a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Ordem Capuchinha. O cardeal-legado de Bolonha, em 1675, comentou que o livro tinha excessivas descrições e muitos milagres. O conde Isolani desaprovava a excessiva facilidade de Cavazzi em ver milagres em tudo. Assim o padre Fortunato Alamandini de Bolonha ficou responsável por reduzir a obra a fim de possibilitar a impressão.

A primeira edição da “*Istorica descrizione de'tre' Regni Congo, Matamba et Angola*” ocorreu em Bolonha, em 1687, nove anos após a morte do autor. Na introdução aos leitores publicada na primeira edição, Alamandini colocou que a obra será, ao mesmo tempo, útil e agradável:

útil porque, para um verdadeiro católico, que outra leitura pode ser mais necessária e mais conveniente, senão a que lhe expõe as notícias da sua santa fé e dos seus progressos? (...) e também será agradável esta obra, pelo enredo de estranhas curiosidades que, juntamente com a erudição cristã, despertam ternos afectos para com Deus, perfeitoissimo autor de toda a maravilha.” (em Cavazzi, 1965,p.6)

Alamandi, em suas palavras aos leitores da primeira edição, revelou a intenção que a Sagrada Congregação tinha em publicar estes relatos “a Sagrada congregação ter encarregado o P. João Antonio de tudo escrever, a fim de informar completamente os outros missionários acerca dos remédios a usar contra corruptelas e abusos.” (Em Cavazzi, 1965. p.8). No corpo da obra, Cavazzi nos avisa o porquê de ter escrito sobre tantas barbaridades:

“Quanto destes juramentos seja contrário à rectidão, aparecerá facilmente pela descrição deles, que eu julgo necessária pela sua curiosidade e para instrução dos missionários que irão para aquelas regiões, como também para despertar maior compaixão pelos idólatras, escravos de leis bárbaras e irracionais.” (vol.I. p. 87)

“Esses pretos praticam diversas supertições, e eu gostaria de não ter que as narrar, pois são ridículas; se o faço, é apenas para instruir os missionários, para que possam tirar os Pretos dos seus enganamentos.” (vol.I. p. 90)

Em 1690, foi publicada uma segunda edição reduzida em Milão, e no ano seguinte o vulgarizador de relações de viagens, o conde Aurélio degli Anzi, resumiu a obra em 80 páginas. Em 1694, saiu uma terceira edição publicada em Munique, mais fiel a original.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Podemos afirmar que a obra de Cavazzi circulou amplamente pela Europa durante o século XVII, assim como cresceu o número de publicações capuchinhas sobre as missões e viagens á África. Elencamos alguns títulos:

MEROLLA DA SORRENTO, Girolamo. *Breve e Succinta relatione del Viaggio nel Congo...* Napoli, 1692.

MONTESARCHIO, Girolamo da. *Viaggio dal Gongho. (1669)*. Archivio Provinciale dei Capuccini di Tosacana.

GIOIA DA NAPOLI, Frei. *La meravigliosa conversione alla Santa Fede di Cristi della Regina Sina e del suo regno di Matamba (1669)*. Napóles, 1669.

REGGIO, Michael Angelo de Guattini da, & PIACENZA, Diogini de Carli da. *Viaggio nel regno del Congo (1671)*, Bolonha, 1674

ROMANO, Padre Fra Giovanni Francesco. *Breve relatione del successo della missione de Frati Minori Capuccini al regno del Congo*. Napoli, 1648

TOVAS, Don Joseph Pellicer de. *Mission evangelica al Reyno de Congo por la Serafica Religion de los Capuhinos*. Madrid, 1649.

Devemos refletir acerca da receptividade e circulação destes escritos no mundo europeu: Quem os lia? Por que se interessavam nas descrições de lugares tão longínquos? Provavelmente, os principais leitores eram os próprios padres capuchinhos (ou de outras congregações), que buscavam acumular informações sobre os lugares que iriam antes de embarcarem. Informações sobre os costumes e hábitos dos habitantes que receberiam a evangelização eram bem vindas, igualmente detalhes sobre a natureza, como regime de chuvas, fauna e flora, pois preparavam o missionário para a futura missão.

Em 1687, duas das principais publicações eruditas da Europa elogiaram a obra: o *Giornale de'Letterati*, de Parma, realçou sua utilidade científica e prática, e *Acta Eruditorum*, de Leipzig, dedicou oito páginas a análise do livro e o louvou muito. Em 1689, *Bibliothèque universelle et historique* (Holanda), dedicou-lhe 38 páginas. A dedicação que lhe foi dada por estes impressos nos mostra que a circulação da obra de Cavazzi tenha excedido aos limites dos conventos, atingindo a elite intelectual europeia, ainda no século XVII (Leite de Faria, em Cavazzi. 1965. pp. XIII-XXIII)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em 1732, o dominicano Labat publicou em cinco volumes, com algumas modificações, a tradução francesa do livro com vários elogios a Cavazzi. No século XIX, a obra continuou suscitando debates, foi citado por Eyriès, que apesar dos muitos elogios, contestou a veracidade das descrições desumanas dos Jagas. Walckenaer louvou Cavazzi, confirmando os hábitos antropofágicos através de outras relações de viagens do século XIX. No cenário literato francês daquele século, a obra de Cavazzi recebia constantes elogios.

A primeira edição portuguesa, a utilizada para a presente pesquisa, apareceu somente em 1965. Provavelmente porque os Portugueses, querendo ir para Angola ou escrever sobre essa região, não precisavam daqueles livros, tão difundidos no estrangeiro, e facilmente poderiam ter às mãos informações mais recentes, mais completas e mais fidedignas, com sugeriu Leite de Faria. (p.XXII)

4.Fontes da “Istorica descrizione”

Cavazzi já tinha a intenção de escrever sobre a história do reino de Matamba desde 1665, certificado pela assinatura da “Missione evangélica al regno del Congo” (Manuscrito Araldi). A Sagrada Congregação lhe confiara a produção de uma história sobre a atuação dos capuchinhos no Congo, Matamba e Angola, reunindo o maior número de informações possível sobre a natureza local.

Em seu ímpeto historiador, o capuchinho criou uma metologia própria e curiosa, ainda que não tenha tido esta consciente intenção. Além de realizar intensa pesquisa nos Arquivos da Propaganda da Fide e da Sagrada Congregação, como vimos, o padre registrou tudo aquilo que viu e ouviu durante os anos que exerceu o trabalho missionário nestes reinos. Cavazzi compilou diversas tradições orais existentes no século XVII, como o mito do rei ferreiro, *Ngola Mussuri*, o que nos permite hoje utilizar essas narrativas na análise destas sociedades para este período.

Cavazzi demonstrou erudição, como era próprio dos escritores da época, ao citar grandes clássicos da literatura e filosofia greco-romana, como Platão, Sêneca, chegando até a citar Camões. Frequentemente compara as estruturas de poder na África com a ideia democrática de filósofos da antiguidade. E Nzinga Mbandi é comparada a personagens femininas renomadas na História Antiga, como Zenobia, Cleopatra ou Semiramis.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Citou também outros autores que escreveram sobre viagens a África Central, como o conhecido Lopez-Pigaffeta, mas Cavazzi confundiu muitas informações, misturando o que leu a respeito de outras regiões da África com a história de Angola. Podemos notar sua falta de criticidade em elaborar as informações lidas quanto ele narra a origem dos Jagas, no primeiro volume, em que baseado em Lopez-Pigafetta, diz que se originaram em nas lendárias terras perto do lago do Nilo, uma região conhecida no século XVI apenas por vagas referências em textos antigos, onde se acreditava estar na província do Império “Monemugi”. Leu em João dos Santos um relato sobre os Muzimbos de Moçambique, e diante da coincidência com o nome do fundador Imbangala, Zimbo, criou uma síntese da migração deste bando. Essas noções confusas acabaram por prejudicar o entendimento da origem dos Jagas, já que os bandos que atacavam os Mbundos no século XVII provavelmente não eram os mesmos que invadiram o congo no século XVI. A dúvida sobre a verdadeira origem dos Jagas permanece na historiografia e apenas a partir de Vansina (1963), novos estudos buscaram provar a identidade destes com os atuais Imbangalas.

A narrativa de Gaeta (publicado por Gioa da Napoli, 1669) certamente influenciou Cavazzi, já que este foi a Matamba substituir o primeiro. Gaeta foi o principal responsável pela reconversão de Nzinga e Cavazzi o utilizou como fonte privilegiada para este episódio. Thorthon (2008), em sua análise do Manuscrito Araldi, diz que Cavazzi ainda não tinha conhecimento direto da obra de Gaeta quando escrevia este texto preliminar, no entanto fez extensivo uso deste na “Istorica descrizione”. Cabe dizer que enquanto a obra de Cavazzi foi amplamente divulgada e traduzida, o texto de Gaeta foi publicado uma única vez em italiano e é coisa raríssima obter um exemplar da sua edição.²

A maior parte do tempo que estive na África, Cavazzi permaneceu na nova capital do reino do Ndongo, Mpungo-a-Ndongo, onde governava o maior inimigo da rainha Nzinga, Ngola Ari. Devemos considerar que as informações que ele obteve acerca do período de intensa rivalidade entre os dois podem ter sido influenciadas por este fator, já que seus informantes lhe narravam os episódios segundo o que lhes interessava registrar. Sobre a metodologia das tradições orais, seguimos os

² Agradeço a minha orientadora Marina de Mello e Souza por disponibilizar este raro exemplar para a presente pesquisa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ensinamentos de Miller (1995. pp.10-23), que nos alerta que as tradições são seletivas e tendem a memorizar apenas aquilo que interessa legitimar.

5. O olhar sobre o africano:

Cavazzi, como toda fonte, deve ser entendido no contexto em que viveu. O historiador deve refletir sobre o universo de valores compartilhado pelo autor, como o mundo era entendido e como o outro era visto naquele contexto.

O capuchinho foi à África com a missão de converter o gentio em cristão, prosseguindo o trabalho missionário. Cavazzi nasceu no contexto da reforma e da contra-reforma e sentia os desdobramentos das grandes navegações, em que povos diferentes foram conectados. As idéias cruzadistas -a luta contra o mal espiritual- são facilmente percebidas em sua narrativa. Defende o cristianismo como a verdadeira religião, sendo todas as outras religiões manifestação do Demônio, segundo a escatologia cristã do século XVII.

Seu olhar eurocêntrico pode ser percebido em diversas passagens de sua obra. Analisa os costumes locais segundo os seus próprios costumes e julgamentos morais, mantendo sempre o distanciamento e o estranhamento de um observador europeu:

“andar pouco menos que nus não é julgado nem vergonha nem moléstias; estar com a cabeça descoberta ao calor ardente do sol ou à inclemência do ar nocturno é-lhes indiferente, e nem por isso sofrem catarros ou constirpações. Dormir ao ar livre também na estação que mais temem, por ser fria, é julgado extravagância juvenil, e acham suficiente abrigar a cabeça com uma simples folha. Andar descalço sobre pedras, entre espinhos e abrolhos, é costume universal. Apagar o fogo com as mãos ou com os pés nus, sem nenhuma queimadura, é pasmoso e indício de pele muito resistente. Tratar por si mesmos qualquer ferida própria, por profunda que seja, com rara intrepidez, demonstra que são ou insensíveis ou denodados ou fortes; acontece o mesmo também nas doenças, durante as quais estão sem remédios, deixando que a própria natureza os ajude. E, de facto, curam-se frequentemente de doenças graves.” (Cavazzi, 1965, vol.1, p.81)

A narrativa nos deixa brechas para pensar que o discurso de superioridade europeia em relação à cultura africana não encontrava respaldo entre os africanos, que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

viam a si mesmos como superiores ao homem branco, e por isso foram julgados como soberbos por Cavazzi:

“como nunca saíram da Etiópia, julgam ser esta parte do mundo não só a mais vasta, mas também a mais feliz, a mais rica e a mais bela de todas. E, sendo a ignorância a mãe de outros erros, teimosamente afirmam que, na criação do universo, deus confiou os anjos e aos seus ministros a tarefa de regular a ordem de todo o resto da Terra, reservando só para si formar as regiões da Etiópia e especialmente o reino do Congo, conforme idéia e beneplácito. Assim todo o resto foi tirado do nada para uma existência tenebrosa e caótica, enquanto esta única parte, por singular privilégio, tomou a sua forma perfeitíssima entre os sereníssimos fulgores de um lindo meio-dia.(...) esta opinião torna-os cegos, enganados e sujeitos a um orgulho ridículo, que transparece em quase todas as suas ações. De fato, baseados nestas supostas verdades e na nobreza da sua genealogia, julgam-se os primeiros entre os homens de todo o mundo e não acreditam nas narrações dos Europeus acerca da magnificência de tantos reis e monarcas e da beleza e outras qualidades de tantos reinos do universo.” (Cavazzi, 1965, Vol.I, p.82)

Cavazzi justificou porque escreveu sobre tanta barbárie, apesar de declaradamente não lhe agradar tais descrições:

“coisas estranhas tem de descrever a minha pena acerca dos costumes desses três reinos, e a minha qualidade de religioso não deixa de ficar aborrecida por este assunto, quer porque a falta de civilização as torna abomináveis, quer porque a sua diferença dos nossos costumes as torna incríveis.” (Cavazzi, vol.I, p. 92)

Percebe-se a falta de compreensão de Cavazzi em lidar com os hábitos africanos, sempre inferiores ao seu parâmetro europeu. Sobre a ausência da pecuária entre alguns povos, Cavazzi diz que “recusam-se a fazê-lo com o pretexto, próprio dos preguiçosos, de que não querem rebaixar-se a cuidar dos animais e atraiçoar a antiga nobreza da sua linhagem” (vol.I, p.84). A passagem atesta sua dificuldade de compreender a divisão social das sociedades centro-africanas, em que cada indivíduo se inseria em uma “casta” com atividades próprias. A preguiça e inapetência dos africanos são várias vezes referidas e para exemplificar, Cavazzi conta uma curiosa passagem, que advoga contra si mesmo,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

uma vez que os brancos nem se atreviam a caminhar, e os negros que são chamados de preguiçosos.

“Os Europeus, com efeito, quando não podem andar a pé e se servem das costas destes pretos, que, por livre escolha ou por obrigados pelo dever, levam os Brancos nas tipóias ou de outra maneira, gastam frequentemente cinco ou seis dias num percurso que em qualquer outra parte levaria dois.” (p.83)

A poligamia não era considerada uma ofensa para as sociedades africanas, contrariando a visão do sacramento cristão: “dizem que as mantêm (concumbinas), não impelidos pela luxúria, mas pelo decoro da própria grandeza.” (p.85)

Se os hábitos e costumes dos muxicongos e dos mbundos já pareciam muito distantes de seus valores de civilização, os Jagas revertia toda a noção de humanidade que um missionário do século XVII poderia esperar. Ao iniciar o capítulo sobre este grupo, pede desculpa ao leitor por sujar as páginas com tanto sangue que corre nestas narrativas.

Os Jagas foram descritos por Cavazzi como bestas selvagens, sedentos por sangue e pela carne humana. Seus ritos foram descritos como “execráveis seitas”, “festas do demônio”, “luxuriosos rituais”, “ritos bestiais”, etc. Cavazzi enxergava o demônio cristão em tudo e todos rituais que eram estranhos à sua cultura julgava como possessões do inimigo. Muitos episódios da história que narra só aconteceram devida à intervenção do demônio, que tinha numerosos servos entre os africanos, descritos como escravos do mal.

Cavazzi nos apresenta uma visão notadamente anti-africana, em que o pecado era inerente à condição do ser negro. O vício estava profundamente enraizado nestes habitantes da chamada Etiópia e o missionário chegou a duvidar da possibilidade da conversão real entre eles. Diferentemente de Gaeta, que acreditava na conversão dos africanos e para quem Nzinga Mbandi transformara-se em uma excelente cristã, quase uma “santa”, Cavazzi não acreditava na sinceridade das conversões dos africanos, descritos como “desumanos” e passou a se interessar mais pela cosmologia – as entrelinhas do sistema de compreensão por trás dos comportamentos religiosos.



A demonização dos Jagas reforça seu argumento principal: Nzinga Mbandi, que vivera como uma Jaga entre os anos de 1626 a 1656, estava perdida nas trevas e na barbárie e foram os capuchinhos que a conduziram para a verdadeira luz de Cristo. Para aumentar a glória da evangelização capuchinha, Cavazzi pintou uma rainha sanguinária, “implacável contra os inimigos”, “ávida de carne humana”, “infernally megera”. Nas páginas em que narrou a vida Jaga de Nzinga (pp.64-102, vol.II), o missionário não poupou desqualificativos, descrevendo massacres e canibalismos para impressionar o leitor europeu. O significado ritual dos cultos Jagas não preocupava Cavazzi, para ele tudo era obra do demônio que agia por meio destes guerreiros e tudo era sinal da falta de humanidade. Selecionamos uma passagem para exemplificar a descrição exagerada de Cavazzi:

“A toda criança do sexo masculino que conseguia descobrir, por meio dos numerosos espiões, ela (Nzinga Mbandi) mesma arrancava o coração e comia. Até, por vezes, nem aguardava o nascimento e abria as entranhas das mães, bebia o sangue e lançava as carnes aos mastins, ou fazendo-se assar, destruía-as pelos vassallos.” (vol.II. p. 75)

Segundo Cavazzi, Nzinga Mbandi ganhou fama de bruxa e sua presença despertava temores a africanos e a europeus. Seus esdrúxulos hábitos luxuriosos ganharam relevo na narrativa onde se lê que Nzinga mandava seus inúmeros concubinos se travestirem de mulheres. Esta faceta da rainha ganhou repercussão com a obra do francês Castilhon (1769), e posteriormente inspirou Marquês de Sade, que rendeu homenagens a Nzinga no seu delirante psico-sexual reino de Butua em “*Aline et Valcour*”(1778).

Certamente, as características de Nzinga que mais se repetiram na Europa foram seu apetite por carne humana e sua luxúria, ficando quase apagada sua história de resistência e sua articulação política frente à invasão portuguesa em Angola. A associação entre tirania e poder na África é uma decorrência da disseminação das informações contidas na *Descrição histórica*. Hegel (1965) chegou a afirmar que na África a história não poderia se desenvolver, pois ali se percebia apenas uma sucessão de bárbaros e faticidas, em que a rainha Nzinga é colocada como o maior exemplo de governo irracional, contrário ao avanço da civilização.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

As religiões tradicionais africanas foram vistas como manifestações demoníacas pelos olhares católicos desde o início dos contatos entre europeus e africanos, o que contribuiu para a demonização dos ritos afro na diáspora. Infelizmente, este olhar carregado de preconceitos para com as religiões de matriz africana se manteve vigente e ainda podemos perceber resquícios do discurso de Cavazzi no Brasil atual.

Mas acredito que é possível se despir do olhar eurocêntrico de Cavazzi, através do exercício da crítica da fonte. Por traz de suas descrições assustadas, pode-se encontrar informações relevantes para a organização das sociedades Mbundo e interessantes fontes sobre a organização e simbologia dos cultos africanos. Seu olhar de estranhamento registrou o nome e função de vários sacerdotes, juramentos e “superstições”. A leitura de *Descrição histórica*, para o historiador atento e crítico, pode possibilitar a compreensão da cosmologia de alguns cultos da África Central no século XVII.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ALENCASTRO, Luis Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000

ALMEIRA, Carlos. *A natureza africana na obra de Giovanni António Cavazzi - Um discurso sobre o homem*. Actas do Congresso Internacional Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades. 2005.

Em: http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/carlos_almeide.pdf

CASTILHON, J.-L. *Zingha, Reine d'Angola*. Histoire Africaine. Bourges: Edition de l'Association Gaymede, 1993. Primeira edição : 1769

CAVAZZI, Giovanni Antonio. *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. 2 volumes. Lisboa : Junta de Investigações do Ultramar, 1965

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. Port. Lisboa, DIFEL, 1990, p.27

GIOIA DA NAPOLI, Frei. *La meravigliosa conversione alla Santa Fede di Cristi della Regina Sina e del suo regno di Matamba*. Napóles, 1669

HEGEL, G.W. *La raison dans l'histoire*. Trad. E notas Kostas Papaoiannou. Paris, 1965.

LABAT, Jean Baptiste. *Relation historique de l'Ethiopia Occidentale*. 5 tomos. Paris, 1732

LOPEZ, Duarte e PIGAFETTA, Filippo. *Relação do reino do Congo e das terras circunvizinhas*. Comentário e transcrição por Alberto Ferronha. Lisboa: Alfa, 1989.

MILLER, Joseph. *Poder político e parentesco: os antigos estados Mbundu em Angola*. Trad. De Maria da Conceição Neto. Luanda: Arquivo Histórico Nacional, 1995. Título original: Kings and Kinsmen

TAVARES, Célia Cristina da Silva. *Jesuítas e inquisidores em Goa: a cristandade insular (1504-1682)*. Lisboa: Roma Editora, 2004.

THORTHON, Jhon. Introduction to the Araldi Manuscrit. Agosto de 2008. em: <http://centralafricanhistory.blogspot.com/2008/08/giovanni-antonio-cavazzi-da.html>

SADE, Marques de. *Aline et Valcour*. Paris, 1778

VANSINA, Jan. *Kingdoms of the Savana*. Madison, University of Wisconsin Press, 1968.

_____. « More on the invasion of Kongo and Angola by the Jaga and the Lunda ». *Journal of African History*, Londres, VII (3), 1966.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ZERON, Carlos Alberto. *Les jésuites et le commerce d'esclaves entre le Brésil et l'Angola à la fin du XVIe siècle: contribution à un débat*. Traverse, 3e année, 1, Zurique, 1996, pp. 34-50.

_____. « The fondation of the kingdon of Kassanje ». *Journal of African History*, IV (3), 1963 7775